

ENUNCIÇÃO E PRÁTICA SOCIAL: O *ETHOS* NO DISCURSO DOS EPITÁFIOS

Jarbas Vargas NASCIMENTO¹⁹

Raquel Vaccari de Lima LOUREIRO²⁰

Resumo: O artigo tematiza a cenografia e o ethos em um discurso de inscrições em lápides tumulares. Por dialogar com outras disciplinas, optamos pela Análise do Discurso, nas perspectivas de Maingueneau, que postula o primado do interdiscurso e mobiliza diferentes conhecimentos na enunciação. Privilegiamos o gênero epitáfios, o ethos, a imagem que o enunciador expressa de si no discurso e a cenografia que revela como os sujeitos pensam a morte. Confirmamos nos epitáfios um atravessamento da religiosidade, que legitima uma imagem “positiva” dos mortos, além de homenageá-los. Por isso, o sujeito empírico mobiliza os epitáfios como artifício para eternizar os falecidos.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Epitáfios. Morte. Cenografia. *Ethos* discursivo.

Abstract: *This article studies the scenography and the ethos in the speech on tombstone inscriptions. As it dialogues with other subjects, we have chosen the discourse analysis, on Maingueneau's perspectives, which postulates the primacy of the interdiscourse and mobilizes different knowledge in enunciation. We favor the genre epitaphs, the ethos, the image that the enunciator expresses of himself in the speech and the scenography that reveals what the subjects think of death. We have confirmed a religious crossing on the epitaphs, which legitimizes a "positive" image of the deceased, besides honoring them. Therefore, the empirical subject mobilizes the epitaphs as a device to perpetuate the deceased.*

Keywords: *Discourse Analysis. Epitaphs. Death. Scenography. Discursive ethos.*

¹⁹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/São Paulo, Brasil. jvnf1@yahoo.com.br. Professor titular do departamento de Português – PUC-SP.

²⁰ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/São Paulo, Brasil. vaccari.raquel@gmail.com. Doutoranda do programa de estudos pós-graduados de Língua Portuguesa – PUC-SP.

Introdução

Este artigo trata da construção da cenografia e da constituição do *ethos* no discurso dos epitáfios, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, nas perspectivas propostas por Maingueneau, ou seja, aborda como se constrói a imagem do sujeito discursivo nos discursos, que expressam um posicionamento sobre o morto e a morte. Para tanto, examinamos dois discursos de inscrição tumular pertencentes a dois dos túmulos do Cemitério de Santo Antônio, localizado na cidade de Vitória, no Espírito Santo. Sob a perspectiva de uma abordagem enunciativo-discursiva, elegemos a categoria *ethos* por ser bastante produtiva, na contemporaneidade, quando se estuda a evolução das condições de exercício das palavras em diferentes formas de comunicação escrita ou oral. Nossa opção por Maingueneau se alicerça no fato de que existe um *ethos* do enunciador construído no/pelo discurso e amalgamado num tom e numa corporalidade constitutivos da cena enunciativa.

Neste trabalho, outro aspecto que deve ser relacionado à noção de *ethos* discursivo é a noção de morte, que acumula valores sócio-historicamente constituídos. Neste sentido, a morte é vista em nossa sociedade, e em inúmeras outras, como um tabu, símbolo do desconhecido que desperta o sentimento de fim da vida, medo ou consolação. Levando-se em consideração o significado da palavra morte no dicionário, têm-se duas concepções: a científica, que a conceitua como término da vida terrena, interrupção definitiva da vida humana, animal ou vegetal, e a simbólica, que a entende como a “separação entre a alma e o corpo, que marca a passagem a outro estágio espiritual ou à vida eterna” (HOUAISS, 2001, p.1.964). Enquanto símbolo, “ela é também introdutora aos mundos desconhecidos dos Infernos ou dos Paraísos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p.621).

Essa preocupação humana com a morte não é contemporânea. Historiadores nos apontam que a consciência da mortalidade data da pré-história, remontando ao homem primitivo, para quem, com efeito, a consciência da morte era um fato universal. Estudos paleoantropológicos comprovam que os homens primitivos não concebiam a morte como algo natural, científico, mas sim pelas vias do misticismo, do mistério e do simbólico: “Morria-se vítima da magia ou da feitiçaria de algum inimigo, [...] ela era sempre provocada por alguém por alguma coisa” (CHIAVENATO, 1998, p.13).

Assim, com o passar do tempo, a morte, antes “brinquedo” dos deuses, passa a ser concebida como transcendência ou passamento da “alma” a outros “mundos” – os céus ou infernos, ou o mundo da reencarnação. A mentalidade mítica do homem primitivo de explicar os fenômenos da natureza (chuvas, enchentes, secas, doenças...) como “vontade” dos deuses cedeu lugar a uma visão mais racional das coisas. Como explica Chiavenato (1998, p.15), se “[...] antes a morte era uma decisão única dos deuses, passou-se a morrer em consequência de uma doença, de um acidente ou de um ferimento, embora por trás desses acontecimentos ainda estivesse a vontade divina”.

Apesar de entendermos o discurso dos epitáfios por seu posicionamento e especificidade do funcionamento discursivo, sabemos que tal discurso não se define somente pela temática da morte, na medida em que outros temas, de outros campos semânticos, atravessam o espaço discursivo. Pelo exposto, justificamos a opção pela cenografia e pelo *ethos* discursivo como princípios fundamentais para a análise que empreenderemos. Além disso, esses princípios aliados nos proporcionam subsídios para a compreensão dos efeitos de sentido possíveis para o discurso tumular, que se configura por uma inscrição histórico-social necessária para a sua legitimação.

O gênero de discurso epitáfio

As noções de gêneros de discurso discutidas por teóricos das ciências da linguagem têm suas origens na Grécia Antiga. Nessa época, porém, o conceito de gênero era pouco difundido, uma vez que só era abordado pela Retórica e a Poética de Aristóteles. Os estudos dos gêneros abrangiam mais especificamente a natureza verbal dos enunciados, relegando o pragmatismo dialógico entre locutor e interlocutor, bem como o contexto social, histórico e cultural (MACHADO, 2010).

Ainda que as investigações sobre os gêneros tenham se constituído no campo da Crítica Literária, no quadro do estruturalismo europeu ele se amplificou, abrangendo os gêneros discursivos do cotidiano. Contudo, ainda assim, a língua era vista como um sistema, apartada de fatores extralinguísticos, como as condições de produção da fala, a relação do falante com o ouvinte, o momento histórico etc. Dessa forma, as noções de gêneros ficam restritas à *especificidade* do discurso oral do dia a dia.

Os conceitos de gêneros de discurso trabalhados atualmente e que ocupam papel central na Análise do Discurso (AD) e outras disciplinas da Linguística tiveram a grande contribuição de Bakhtin, filósofo da linguagem, tratando a palavra como fenômeno socioideológico por excelência. As orientações filosóficas de Bakhtin influenciaram as abordagens da AD e dialogam, entre outras vertentes teórico-metodológicas, com a Teoria e a Crítica literárias, com a Linguística Textual e com a Semiótica.

De acordo com Bakhtin (2003; 2009), o gênero é uma prática discursiva atrelada a todos os textos que circulam numa sociedade, e a “[...] vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero do discurso* (BAKHTIN, 2003, p.282, grifo do autor). Segundo ainda esse autor (2003, p.282):

A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.

Para Bakhtin (2003, p.261),

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem [...] e o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Assim, os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, determinados sócio-historicamente, e por serem práticas discursivas inseridas no dia a dia dos sujeitos, as formas de gênero são flexíveis, plásticas e criativas.

Em suma, Bakhtin não concebe a noção de gênero do discurso fora da vida social, de um contexto histórico e de uma relação dialógica, mesmo porque ele vê o signo linguístico como um *signo social*, que comporta uma *ideologia*, pondo em relação à consciência individual com a interação social.

Maingueneau (2008a, p.152) concebe a noção de gênero do discurso como “[...] dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados que estão em constante mudança e aos quais são frequentemente associadas metáforas como ‘contrato’, ‘ritual’, ‘jogo’”. Maingueneau elenca, ainda, algumas características fundamentais inerentes aos gêneros do discurso, postulando que são fenômenos vinculados à vida cultural e social; surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais e na relação com inovações tecnológicas; ordenam e estabilizam as atividades comunicativas do dia a dia; interpretam as ações humanas em qualquer contexto discursivo; se definem por aspectos sociocomunicativos

(conteúdo, propriedades funcionais e estilo, forma); são formas inovadoras, embora não absolutamente novas.²¹

Baseando-se na filosofia bakhtiniana, Maingueneau (2008a) ressalta que é impossível comunicar-se a não ser por um gênero e, por isso mesmo, os gêneros são indefinidamente diversificados, sendo classificados pelo analista do discurso, caso este queira trabalhá-los com um certo grau de precisão, de acordo com alguns critérios, tais como papel, finalidade, meio, organização textual.

Todavia, apesar da diversidade dos gêneros, Maingueneau classifica-os em dois regimes genéricos: os gêneros conversacionais e os gêneros instituídos, atentando para o fato de que essa distinção não é rígida ou engessada, uma vez que ambos os regimes, em muitos casos, podem encontrar-se amalgamados em um mesmo evento discursivo. Os primeiros caracterizam-se por não estarem fortemente relacionados a lugares e papéis institucionalizados ou a rotinas pré-estabelecidas. Já os segundos são os que não implicam uma interação imediata. Geralmente, são “impostos” pelo autor e, ao contrário dos conversacionais, os papéis dos interactantes são previamente estabelecidos, mantendo-se estáveis durante o processo de comunicação. Sua estrutura é estabilizada e, em geral, não se modifica. Esses gêneros são verdadeiros exemplos da categoria de gênero de discurso como dispositivos de comunicação social e historicamente condicionados.

Importante enfatizar, ainda, a questão dos gêneros de discurso como fenômenos associados às atividades socialmente organizadas, como ratifica Bazerman (2009, p.31)

Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.

Do que antecede, podemos afirmar que os enunciados grafados nas lápides tumulares – os epitáfios – se definem como gêneros de discurso, por serem uma prática social, marcada por uma interatividade constitutiva de troca entre enunciadorees a tal ponto que é possível reconhecer os diferentes gêneros, quando se depara com a sua construção composicional, uma

²¹ Anotações extraídas de *slides* de minicurso ministrado por Maingueneau, em Assis/SP, maio/2011.

vez que enunciador e co-enunciador têm acesso aos primeiros conhecimentos dos gêneros da mesma forma que os da língua materna.

Para comprovar como os gêneros são realidades sociais e que desempenham papéis em nosso dia a dia, lembramos que a tradição de utilizar os discursos dos epitáfios na sociedade remonta ao Egito antigo, os quais eram gravados nos sarcófagos e assumiam uma função socializadora. Na Grécia antiga, os epitáfios também eram utilizados com as características dos gêneros literários, pois era costume frequente nas lápides tumulares a inscrição de elegias²² de alguns poetas famosos ou de poemas elegíacos de autoria anônima. Isso fazia com que a sociedade construísse diferentes representações da morte.

A discussão da categoria *ethos* discursivo proposta por Maingueneau remonta ao início dos anos de 1980; mas, somente em 1984, nos estudos francófonos da AD, começou-se a explorar o *ethos* em termos pragmáticos e discursivos, incluindo Ducrot, que integrou o *ethos* a uma conceituação pragmática.

A discussão sobre o *ethos* discursivo, por sua vez, tem sua origem no *ethos* retórico de Aristóteles, que o conceituava como “[...] os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão” (AMOSSY, 2008, p.10). Portanto, os antigos compreendiam o *ethos* como a construção de uma imagem de si com o intuito de garantir uma boa imagem ao seu auditório.

Essa noção de *ethos* retórico foi reformulada modernamente por Ducrot (1987, p.192-193), que o concebe sob uma perspectiva polifônico-enunciativa:

O *ethos* está ligado a L, o locutor como tal: é como origem da enunciação que ele se vê investido de certos caracteres que, em contrapartida, tornam essa enunciação aceitável ou recusável. O que o orador poderia dele dizer, como objeto da enunciação, concerne em contrapartida, [...] ao ser do mundo, e não é este que está em questão na parte da retórica de que falo.

Maingueneau, por sua vez, faz uma releitura da noção de *ethos* aristotélico, postulando-o como a imagem do sujeito enunciador corporificado no discurso por meio de um “tom”, de uma “voz”. No entanto, “[...] não se trata de fazer um texto mudo falar, mas de circunscrever as particularidades da voz que sua semântica impõe” (MAINGUENEAU, 2008a, p.91).

O *ethos*, assim entendido, está vinculado ao exercício da palavra, é constitutivo da

²² Poemas líricos melancólicos ou canções lamentosas.

enunciação e corresponde à imagem do sujeito enunciador e não ao locutor, sujeito empírico, físico. Assim, ele se dá a conhecer por meio de índices linguísticos materializados na textualidade e assume também o papel de fiador, no momento em que se coloca como responsável por aquilo que se enuncia no discurso. Segundo Maingueneau, (2006, p.60): “O *ethos* não deve, portanto, ser isolado dos outros parâmetros do discurso, pois contribui de maneira decisiva para sua legitimação”.

Em suma, o *ethos* não é uma “imagem” do locutor dissociada da fala, ao contrário ele é uma categoria enunciativa constituída por meio do discurso. Salienta-se também que o *ethos* é um processo fundamentalmente *iterativo*, sobretudo de influência do enunciador sobre o Outro. Assim, esse princípio resulta num hibridismo socialmente discursivo, pelo fato de não poder ser apreendido fora de um contexto comunicativo, integrando, assim, uma conjuntura sócio-histórica determinada.

Maingueneau (2008a; 2011) ressalta também uma categoria de análise mais produtiva para a constituição do *ethos* discursivo, uma vez que ela se manifesta como uma dimensão criativa do discurso: a cena de enunciação, que para ele é composta por três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

Por cena englobante, Maingueneau (2011) entende ser aquela que corresponde ao tipo de discurso: religioso, político, publicitário, entre outros. A cena genérica, o autor a equipara ao gênero do discurso. Essas duas cenas formam o quadro cênico do discurso. Por sua vez, não é diretamente com o quadro cênico que se confronta o leitor, mas com a cenografia.

Resta-nos dizer que a cenografia se constrói com base em cenas validadas, já instaladas na memória discursiva dos falantes, seja como modelo pré-estabelecidos socioculturalmente, seja como modelos que são reconstruídos, conforme poderemos observar nas análises.

Em síntese, podemos afirmar que o conceito de *ethos* discursivo que assumimos neste estudo constitui um princípio de análise, que nos remete a um sujeito que se coloca como fonte de referência de pessoa, tempo e espaço, como veremos a seguir nas análises.

Analisando os discursos de epitáfio

Nesta seção, a partir das categorias gênero do discurso, cenografia e de *ethos* discursivo, nas perspectivas de Maingueneau, procederemos às análises das amostras que selecionamos, conforme vimos argumentando ao longo deste trabalho. Tomemos, primeiramente, o discurso abaixo em que se constrói o epitáfio com base no discurso bíblico.

Recorte 1

COMBATI O BOM COMBATE; TERMINEI A MINHA CARREIRA; GUARDEI A FÉ. (SÃO PAULO)

Por meio da memória discursiva, constatamos que o enunciado *Combati um bom combate; terminei minha carreira; guardei minha fé* trata-se de uma citação de discurso bíblico materializada linguisticamente em 2 Timóteo, 4,7, que faz parte do Novo Testamento. Sua autoria é delegada a São Paulo, um dos seguidores e apóstolo de Jesus. No contexto bíblico, o apóstolo Paulo escreveu cartas a Timóteo, seu amigo e também seguidor de Jesus, quando o primeiro estava preso, pelas ordens de Nero, Imperador de Roma. Essas cartas datam mais ou menos entre os anos 66 d.C. e 67 d.C. Nessa época, Paulo estava preso e pressentia que sua morte estava próxima. Desta forma, esse apóstolo escreve a seu amigo Timóteo com o intuito de fortalecer a lealdade deste último em Jesus Cristo, face ao sofrimento que Timóteo iria certamente encarar.

Assim, as epístolas de São Paulo a Timóteo refletem a consciência do apóstolo diante da finitude da vida e do término de sua carreira como adepto e soldado de Cristo. Para ele, a vida se traduz em uma difícil luta contra um inimigo, marcada em seu discurso principalmente por itens lexicais retirados do campo semântico da guerra, com o intuito de explicitar o quanto lutara na vida pela causa de Cristo, cumprindo fielmente sua missão, sem nunca tê-lo abandonado.

Nesta perspectiva, o discurso em análise se apresenta como um enunciado constitutivo do discurso teológico paulino, historicamente marcado pelo campo de Teologia, levando-nos a inseri-lo na cena genérica característica da Teologia, o que significa dizer que o discurso teológico, a que nos referimos, se inscreve, por sua vez, em uma cenografia favorável

à adesão do co-enunciador, que o legitima na enunciação por meio de itens lexicais retirados do campo discursivo da guerra.

Embora idênticos, o discurso teológico e o discurso do epitáfio em sua maneira de dizer, ou seja, na utilização do mesmo código linguageiro, eles se instituem e se particularizam em função de suas condições de produção, os posicionamentos que assumem e os efeitos de sentido que visam a oferecer a seus co-enunciadores.

Os discursos de Paulo e do epitáfio particularizam seus sentidos na história. O discurso de Paulo é fundante e, por conseguinte, anterior ao discurso do epitáfio, que o recupera, legitima-o e garante-lhe autoridade. Embora historicamente marcado, no discurso do epitáfio, ele se torna novo e amplia aquilo que ainda não fora dito, ressignificando seus efeitos de sentido. Portanto, tudo o que é dito se encontra na confluência entre a memória histórica, o interdiscurso e a atualidade.

As condições de produção a partir das quais o sujeito fala são constitutivas do que ele diz e se manifestam no interior do discurso. O código linguageiro, particularmente a dimensão do vocabulário, assume sentidos diferentes, em diferentes topóis e em função do papel social assumido pelo enunciador. Para nós, o vocabulário é signo de pertencimento, pois está sempre carregado das formações discursivas que carrega quem e onde ele enuncia.

Neste sentido, o enunciado *Combati um bom combate; terminei minha carreira; guardei a fé*, agora transformado em discurso de epitáfio, produz um efeito de sentido particular, na medida em que funciona como um interdiscurso que se constitui em discurso de epitáfio, que o atravessa, convocando-o ao negociar seu estatuto. Por meio de marcas linguísticas explícitas, podemos verificar a presença do campo teológico, que se inscreve nesse discurso, pelo oxímoro de uma repetição constitutiva, que se abre à possibilidade de uma reatualização, provocando um descentramento dos sujeitos de cada um dos discursos. Assim, o discurso teológico adentra ao discurso do epitáfio para constituí-lo, por meio de uma interação enunciativa, apreendida sob um novo posicionamento.

São, pois, os efeitos de sentido de morte que se depreende desse discurso, isso porque, por meio da cenografia, podemos estabelecer uma relação de atravessamento do discurso teológico, já que o discurso do epitáfio e os efeitos de sentido de morte podem ser construídos no processo de interpretação por meio do topói onde o discurso do epitáfio se engendra.

A partir do quadro que acima desenhamos, podemos dizer que *Combati um bom combate; terminei minha carreira; guardei a fé* é um discurso teológico, constituinte, por conseguinte, que se instaura no discurso do epitáfio, regrado sua emergência em forma de interdiscurso. É, ainda, um discurso cuja propriedade fundamental é a fé e, nesse sentido, homologa e explicita as condições de legitimidade do discurso do epitáfio. Vale a pena ressaltar, também, que o discurso do epitáfio ativa o universo teológico para construir um efeito de sentido de “saudade”, “dor”, “despedida”.

Como é a cenografia que legitima a enunciação, depende dela a interação entre o enunciador e o co-enunciador, e é nela e por ela que o *ethos* do enunciador se desvela.

Quanto aos fiadores há dois: um invisível, característica do discurso teológico, e um implícito, que seriam “o(s) familiar(es)” participante(s) das condições de produção, os quais validam esse discurso. Por meio da cenografia, podemos construir o quadro cênico, composto pelas cenas englobante e genérica, que juntas tornam possível a enunciação dos discursos que selecionamos. Desta feita, a cena englobante do discurso deste epitáfio é pertencente ao campo do teológico. A cena genérica é do tipo epitáfio, e a cenografia é construída pela metáfora da “guerra”; do combate: “COMBATI” O BOM “COMBATE”. (Amor é Guerra). Em “vida”, “combateram-se” os embates da vida, entretanto esse combate é “bom”.

Os tempos verbais dos três enunciados que compõem o discurso “*Combati*”, “*Terminei*”, “*Guardei*” são do pretérito perfeito simples, que indica uma ação, *geralmente não habitual*, concluída antes do ato de falar, *que começou e terminou no passado*. O recorte “*Terminei minha carreira*” remete ao conceito da morte relacionada à finitude da vida. Por outro lado, no recorte *Guardei a fé*, pode-se constatar uma contrajunção implícita (*Mas*), que remonta à ideia de não-finitude da vida, a vida ainda não acabou, pois o enunciador crê numa fé que transformará sua morte em uma outra vida. Esta formação é típica do cristianismo. Importante também observar a pontuação que é feita por *pontos e vírgulas*, dando um dinamismo a uma sequência de ações.

Quanto à enunciação, o sujeito “morto” é o enunciador, mas ao mesmo tempo ele é co-enunciador, porque ele assume o discurso paulino. Quando ele assume a *voz* do enunciador do discurso teológico, ele se torna o enunciador do discurso do epitáfio, que, por sua vez, corresponde ao do enunciador do discurso teológico. Ambos os discursos pertencem a formações discursivas diferentes, o que significa dizer que o discurso do epitáfio se legitima e

se constrói inextricavelmente a partir do teológico, discurso constituinte, que se propõe como discurso de origem, validado por uma cena de enunciação que o autoriza.

O *tom* desse discurso é de uma *meditação*. O enunciador se identifica com o enunciatador do discurso teológico, que possibilita a apropriação dessa *voz*. Assim sendo, pelo viés desse tom podemos observar um *caráter* e uma *corporalidade* desse enunciatador. Quanto ao caráter, constatamos que se trata de um sujeito seguidor da palavra de Cristo e fervoroso, por apropriar-se do discurso teológico, o qual é incentivador do seguimento cristão.

Quanto à corporalidade, essa está presa a uma formação discursiva que revela um sujeito que segue a doutrina do Evangelho de Cristo, mais precisamente do discurso paulino, ou seja, mostra uma postura de missão cumprida na terra, mas por acreditar que, em vida, tenha sido um homem fervoroso e merecedor de um renascimento por meio da fé.

Em suma, o enunciatador do discurso analisado constrói um *ethos* favorável de si, um *ethos* de cristão, um *ethos* de credibilidade, porque, por guardar a fé, ele é merecedor da vida eterna, com Deus e seu Filho, Jesus Cristo. Desta forma, o *ethos* do enunciatador “morto” se apropria do discurso teológico, que atravessa o discurso do epitáfio para outorgar a si mesmo a imagem do bom cristão, conforme podemos perceber no discurso analisado.

Dentre os discursos de epitáfio que recolhemos, optamos por analisar, também, o epitáfio abaixo, com base nas abordagens que propusemos para esse trabalho, pois, ao contrário do discurso anterior que analisamos, não há referência direta ao discurso teológico, mas ele se constitui por meio de uma cenografia de uma conversa simples.

Recorte 2

NOSSA SEPARAÇÃO É PASSAGEIRA, POIS UM DIA SEGUIREI O MESMO CAMINHO PARA JUNTOS CONTINUARMOS O DIÁLOGO INTERROMPIDO.

* 1931 † 1983

Na primeira parte do enunciado do discurso que constitui o epitáfio “*Nossa separação é passageira*”, podemos inferir, logo de início, os seguintes efeitos de sentido: que há um diálogo entre o enunciatador “vivo” com o co-enunciatador “morto”, enunciando que houve uma “separação” entre eles e que esta separação não é permanente, ao contrário, é passageira.

Quanto ao primeiro sentido evocado, o caráter dialógico se constitui por estar evidenciado no discurso, inserindo um “EU” e um “TU” legitimados pelo pronome “*nossa*”, que remete à “*minha separação*” e à “*sua separação*”. Nesse sentido, o EU instaura o sujeito enunciador e o TU, o sujeito co-enunciador. O EU tem sempre uma posição hierárquica superior em relação ao TU, co-enunciador. Dessa forma, o efeito dialogal perpassa por todo o discurso do enunciado: “*Nossa separação é passageira*”.

O segundo efeito de sentido evocado, ao qual nos referimos acima, corresponde ao posicionamento do co-enunciador, relatando que houve uma “*separação*”; daí, inferimos que esse enunciador está se referindo à morte, pelas vias do campo semântico. Desse modo, o sujeito enunciador busca depreender efeitos de sentido, a partir do universo da “*despedida*” e da “*separação*”, para tratar da morte de maneira não literal, mas metaforizada.

E tratando-se do terceiro efeito de sentido por nós evocado, acreditamos que o sujeito enunciador não pensa a morte como algo definitivo. Ao contrário, ele crê numa outra existência além desta, a partir do momento em que ele deixa explícito, por meio de itens lexicais escolhidos, que essa separação é “*passageira*”, legitimando, dessa forma, o discurso de crença numa vida *post mortem*, conforme doutrina religiosa.

O enunciado “*Seguirei o mesmo caminho*”, por conter um verbo conjugado no futuro do presente do modo Indicativo, indica ações futuras em relação ao ato da enunciação e evoca no coenunciador (leitor) a imagem positiva do cristão, que acredita numa vida póstuma, no “*Reino do Céu*”.

Importante sublinhar, também, que o operador argumentativo “*pois*”, que introduz o enunciado “*pois um dia*”, reforça a ideia de que um dia o enunciador seguirá o mesmo caminho que leva a outra vida, caminho este já percorrido pelo co-enunciador. Além disso, opera como encadeador de coesão entre os discursos do primeiro enunciado – “*nossa separação é passageira*” – e o segundo enunciado – “*seguirei o mesmo caminho*” –, proporcionando, da mesma forma, uma coerência discursiva.

O recorte discursivo “*Para juntos continuarmos o diálogo interrompido*” conclui, de modo a legitimar, os efeitos de sentido evocados nos dois primeiros recortes analisados, principalmente pelo fato de esse enunciado ser introduzido pelo encadeador “*para*”, cuja função discursiva é a de revelar finalidade. Portanto, nesse discurso, o enunciador reafirma a crença numa vida após a morte.

Não obstante o tema central do discurso do epitáfio fazer parte da universalidade da morte, o enunciador busca itens lexicais que remetem à ideia de um diálogo póstumo, em sentido metaforizado, com o intuito de tratar o tema “morte” pelas vias da posteridade.

Nessa perspectiva, visto que o discurso do campo da morte se encontra amalgamado no discurso da religiosidade, pela via de uma vida póstuma, há, nesse caso, um discurso sendo transpassado por outro discurso, resultando assim num interdiscurso.

Observando-se a coadunação dos enunciados analisados até então, ou seja, sob um olhar analítico no discurso do epitáfio como um todo, percebemos um tom de um diálogo melancólico entre o sujeito enunciador com seu co-enunciador, diálogo esse, porém, esperançoso, pelo fato de esse mesmo tom fazer também parte de um discurso de fé numa vida póstuma.

Assim, após essas constatações, desvelamos não apenas um, mas vários *ethe*. A princípio, construímos um *ethos* de um sujeito enunciador cristão, pelo fato de ele acreditar que possa haver um diálogo com o co-enunciador “morto”, conseqüentemente evocando a crença na eternidade. Outra característica do *ethos* desvelado é o de um sujeito enunciador “otimista”, já que ele não pensa a morte com dor ou saudosismo, mas como apenas uma interrupção de uma vida que continuará de uma outra forma.

E, por último, depreendemos a imagem de um sujeito consciente da finitude da vida, mas que crê que, após sua morte, irá se encontrar com o seu co-enunciador. Portanto, desvela-se aí um *ethos* de um sujeito que crê numa “outra morada”, onde as pessoas que partirem desta vida poderão habitar e se reunir, para dar continuidade aos diálogos interrompidos aqui na “Terra”, posicionamento este pertencente ao discurso do bom cristão.

Considerações finais

Com este artigo, procuramos desvelar o *ethos* discursivo do sujeito enunciador presente em discursos dos epitáfios que escolhemos. Cremos que o enunciador, nos discursos analisados, ostenta um *ethos* discursivo de bom cristão, aquele que crê na vida após a morte, no céu, construindo, dessa forma, uma imagem positiva tanto do enunciador quanto de seu co-enunciador.

Além disso, consideramos, outrossim, ser o discurso dos epitáfios uma prática da qual a sociedade se utiliza como uma das formas de homenagear a memória discursiva de seus

mortos. Ressaltamos, ainda, que o discurso de epitáfio é atravessado por formações discursivas do campo da religiosidade, a qual leva as pessoas a construírem um discurso sobre a morte sempre relacionado a uma vida póstuma e, de maneira análoga, a uma vida eterna.

Em suma, constata-se ainda que a morte é vista como uma passagem para outra vida, sempre influenciada pela religiosidade, que lhe dá suporte e, por isso, os homens sempre procuraram cuidar bem de seus mortos, homenageando-os e perpetuando sua memória, para que suas almas vivam eternamente.

Referências

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____, **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CHIAVENATO, J. J. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística**. São Paulo: Cultrix, 1987.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: EUEC, 1997.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez (Org.). São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola, 2010.

NASCIMENTO, J. V. et alii. **A leitura no espaço bíblico**. A Parábola do Filho Pródigo. São Paulo: LPB, 2009.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2009.